

# Manuel Teixeira Gomes e Sidónio Pais

João Medina

Para Fernando Piteira Santos, em a muita admiração e  
a amizade do seu colega João Medina  
Lisboa, 22. IX. 81

Referindo-se aos novos diplomatas que a República colocara nas principais capitais estrangeiras, a *Ilustração Portuguesa* considerava que a escolha de Manuel Teixeira Gomes fora acertada: «Pela sua cultura vastíssima, pela distinção natural de *gentleman*, pelos requintes de um espírito de incedível brilho, o Sr. Teixeira Gomes será como nosso ministro em Londres o que os ingleses chamam *the right man in the right place*»<sup>(1)</sup>. E logo acentuava que o novo regime colocara em lugares diplomáticos quatro escritores (que eram: além do citado autor de *Sabina Freire*, o poeta Guerra Junqueiro, na Suíça, Abel Botelho, na Argentina, e João Chagas, em França). Em carta a este último, o próprio Teixeira Gomes contava a impressão que ali fizera, entrando com o pé direito e dando aos britânicos a «surpresa de encontrarem alguém com *maneiras*, falando sem servilismo nem *morgue*, exprimindo-se com clareza e sinceridade, argumentando sem sofismas, embora com energia (...)»<sup>(2)</sup>. A Inglaterra era de facto peça fundamental nas relações externas portuguesas, tão secularmente dependentes já da nossa velha aliada e ainda mais isoladas internacionalmente desde a implantação de um regime republicano numa Europa esmagadoramente dinástica e conservadora. Teixeira Gomes apercebia-se agora melhor, olhando-nos das margens do Tamisa, como estávamos ainda mais de-

pendentes daquela Albion que a propaganda republicana, sobretudo desde o trauma do Ultimato em 1890, identificara com o estrangeiro maléfico e cobitoso das nossas colónias e cabedais, concluindo: «serão precisos dezenas de anos de administração modelar para nos libertarmos da sua tutela, se é que isso é realizável»<sup>(3)</sup>.

Homem de letras e homem de negócios, espécie de gideano sibarita, «joueur» pouco atento à política e de todo alheio às pugnas temporais dos seus pares alistados na militância partidária dos finais da monarquia, ingressado no pessoal do novo regime saído do golpe da Rotunda, em 1910, sobretudo por via das amizades de um Relvas, de um Chagas ou de um Camacho, o escritor algarvio viu-se indicado para Londres pelo irascível médico que pontificava no partido do largo do Calhariz. Era então ministro da diplomacia Bernardino Machado, que parece não ter tido grande estima pelo autor de *Agosto Azul*. Sabemos também, pela correspondência de Teixeira Gomes, que este desprezava o Ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Provisório, referindo-se-lhes nestes termos: «trocatintas(...), trapalhão que se em vez de traficar em política negociasse em qualquer ramo de comércio não obteria crédito de um pataco por parte de pessoa que se prezasse de ser honrada»<sup>(4)</sup>.

João Medina

# Manuel Teixeira Gomes e Sidónio Pais

Extraído do II vol.

CLIO — REVISTA DO CENTRO DE HISTÓRIA  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

1980